

IDENTIDADE: Entrevista a Benedetto Vecchi – Zygmunt Bauman

Raquel Fensterseifer Weissheimer¹
Rafael de Souza Velasco²

Zygmunt Bauman nasceu em 1925 numa família judia polonesa. Reconhecido intelectualmente e frequentemente definido como sociólogo eclético, sua metodologia de abordagem sobre um assunto busca revelar a probabilidade de conexões entre o objeto de investigação e outras manifestações da vida. A interessante obra intitulada *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi* (2005) desperta no leitor reflexões que permeiam aspectos das questões sobre a formação da identidade na atual cultura do imediatismo. O formato da obra por si só é um diferencial: o livro é resultado de entrevista feita por e-mail, sem capítulos ou subseções, em que se estabelece uma construção curiosa que convida o leitor a adentrar nas questões de identidade. À medida que o diálogo acontece, o entrevistador Benedetto Vecchi, jornalista italiano do jornal *Il Manifesto*, comenta que as reflexões do sociólogo são um trabalho em desenvolvimento que procura estabelecer conexões e comentários a respeito dos fenômenos sociais e manifestações da vida na sociedade.

Vecchi publicou vários ensaios sobre os problemas contemporâneos relacionados com as novas mídias e a internet, em revistas especializadas do ramo, onde abordava teorias sobre a Pós-Modernidade. Destaca-se, porém, que *Identidade*, objeto da presente resenha, foi a única publicação conjunta dos dois pensadores. Com uma vida intelectual intensamente produtiva, Bauman concentra-se na globalização, sob o ponto de vista econômico e seus efeitos sobre a vida cotidiana; vê-a como uma grande transformação que, segundo ele, “afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre Estados, a subjetividade coletiva, a vida qualitativa e as relações entre o eu e o outro” (BAUMAN, 2005, p. 11). A partir deste olhar, a questão da identidade entrelaça-se ao colapso do Estado de bem-estar social e à sensação de insegurança, destacando-se o esvaziamento das instituições democráticas e a privatização da esfera pública.

¹ Mestre em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul rio-grandense (Pelotas –RS). E-mail:

² Mestre em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul rio-grandense (Pelotas – RS). E-mail:

Com o sentimento de segurança abalado, as relações interpessoais se transformaram em objetos de apreensão, desejo e medo, tornando-se instáveis; os relacionamentos começaram a ser tratados como objetos, algo facilmente substituído na sociedade de consumo. A esse respeito, segundo Bauman, na modernidade líquida os indivíduos são primariamente consumidores, e a ideia de consumidores perpassa o compromisso com quem o indivíduo se relaciona. A cultura contemporânea da sociedade de consumidores é governada, segundo o sociólogo, pelo preceito “se você pode fazer, então deve fazer”. Em suas palavras, a economia consumista, caracterizada pela superficialização, prospera por transformar a possibilidade em obrigação, mascarando a ideia de pertencimento e autodefinição. Por conseguinte, os sujeitos são facilmente substituídos pelo modo reduzido de relacionar-se, menos importuno, em que o aspecto mais importante é acabar depressa com os vínculos (sobretudo quando eles passam a despertar incômodos) e substituí-los por novos desejos tentadores.

Assim, o debate sobre identidade aparece como uma convenção socialmente necessária, pois se remete à linguagem dos que foram marginalizados pela globalização sustentada pelo desenvolvimento desigual da economia, da política e da cultura. Vale ressaltar que, segundo os autores, os atuais problemas de identidade originam-se no abandono de princípios que funcionavam como as âncoras sociais, as quais traziam instabilidade ao indivíduo como, por exemplo, quando se constata que “o Estado não pode mais afirmar que tem poder suficiente para proteger seu território e seus habitantes, principalmente ao referir-se à saúde e à educação” (BAUMAN, 2005, p. 65). A crise social, causada pela perda dos meios convencionais de proteção coletiva é fato experimentado hoje no Brasil, que passa por um processo de encolhimento no que se refere à segurança e proteção, causando discrepâncias entre comunidades; muitas vezes essas são irreversíveis, tendo como consequências a violência doméstica, o abuso infantil, o tráfico e o uso de drogas e álcool, o desemprego, a fome e tantos outros fatores que reforçam essa disparidade.

A partir destes efeitos cegos e dolorosos, destaca-se que a construção da identificação é um fator que reproduz, com pujança, as desigualdades sociais, fazendo emergir dois polos hierárquicos globais opostos: de um lado, uma minoria que constitui e desarticula suas identidades mais ou menos à própria vontade e, do outro lado, atestam-se

aqueles a quem é negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências, que são marcados por identidades que os humilham, desumanizam e estigmatizam. Pode-se também considerar um espaço ainda mais abjeto, onde as pessoas têm negado o seu direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta: são as pertencentes às “subclasses” (drogados, viciados, refugiados etc.). Bauman (2005) comenta que o significado da “identidade de subclasse” é a ausência de identidade, a abolição ou a negação da individualidade do rosto. A esses é negado o direito à presença física dentro de um território sob lei soberana.

Diante desta realidade, o Estado tornou-se uma entidade à qual é improvável que os indivíduos de uma sociedade, cada vez mais privatizada, depositem sua confiança. Com a globalização questiona-se, então: o que deve ser a sua identidade? Bauman enfatiza que, na atualidade, a busca pela identidade é um ato de liberação dos costumes tradicionais, das autoridades imutáveis, das rotinas preestabelecidas e das verdades inquestionáveis. Nesse sentido, a identidade nacional é questionável. A ideia de identidade nacional não emergiu da experiência humana, pois precisou de muita coerção e convencimento para se consolidar e se caracterizar numa realidade que entendesse o “pertencer-por-nascimento” como “pertencer a uma nação”. Atualmente, a sociedade encontra-se em um caminho transitório, abandonando a fase sólida – com uma trajetória estabelecida de forma clara, que viabilizava o progresso do indivíduo, cuja identidade era determinada pelo nascimento e construída por poucas oportunidades vivenciadas na busca pela resposta à questão: “quem sou?” – para caracterizar-se cada vez mais como fluída, onde as estruturas não conseguem se manter por muito tempo e nem há uma ordem rígida e intransigente sobre como se deve viver. Ao voltar-se à pergunta “Quem sou eu?”, Bauman cometa que

a permanente credibilidade da resposta que lhe possa ser dada não pode ser constituída senão por referência aos vínculos que conectam o eu a outras pessoas e com pressupostos de que tais vínculos são fidedignos e gozam de estabilidade com o passar do tempo. Precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos em que possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos (BAUMAN, 2005, p. 74).

Porém, nessa realidade volátil, império temporário, em que tudo que é sólido se desmancha no ar, a flexibilidade é a palavra de ordem. E é nesta fluidez que os indivíduos vivem a fugacidade do momento sem se preocupar em formar um todo – coeso e

consistente – chamado “identidade” pois, para essa sociedade, a identidade “fixada e solidamente construída será um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha” (BAUMAN, 2005, p 60). A identidade é um conceito de teorias e políticas declaradas de dualidade, entre dissolução e fragmentação, o liberalismo e o comunismo, confirmando que os diferentes significados remetidos ao uso do termo “identidade” estão associados em intenções que exigem dedicação de seus adeptos.

A esse respeito, Bauman acrescenta:

Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolhas. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e as que provavelmente lhe trará maior satisfação (BAUMAN, 2005, p. 91).

A partir desta incerteza, a identidade, no mundo moderno, apresenta-se como forma de emancipação, mas também de opressão. Neste mundo fluído, as identidades são para serem usadas e exibidas, não para permanecerem. A identidade assume a forma de uma experiência contínua e veloz no mundo moderno, uma forma de experimentação infundável; ainda, uma mobilidade que não é facilmente contida, é inconstante, na qual se encurtam cada vez mais as distâncias em relação ao convívio com o outro, com o coletivo. O resultado deste processo é uma individualidade que invade as relações sociais e dispersa a responsabilidade de agir, de colocar-se numa postura de servir, de aproximar-se, dando lugar à postura de espectador.

Ao registrar-se a passagem da fase sólida da modernidade para a fase fluída, em contínuo movimento sob influência de forças diversas, em que as estruturas não duram muito e onde não há caminho “ascendente” ou “declive” acentuado, Bauman (2005) descreve as “identidades” como flutuando no ar – algumas são da própria escolha do indivíduo, mas outras são lançadas pelas pessoas em sua volta, e é preciso estar em constante alerta para defender as primeiras (que são as próprias escolhas) em relação às últimas. Nesta mesma direção, as redes sociais foram duramente criticadas por Bauman (2005), que se utiliza das ideias de Andy Hargreaves³, ao colocar que a introspecção é uma atitude em extinção e os indivíduos, ao serem defrontados com momentos de solidão,

³ Andrew (Andy) Hargreaves (1951 – atualmente), escritor e educador britânico. Atualmente é considerado referência mundial em políticas educacionais.

deixam de se entregar aos seus pensamentos para verificarem o que as outras pessoas estão postando, para saírem de sua realidade, ou irem em busca de alguma evidência de que exista alguém, em algum lugar, que possa desejá-los ou precisar deles. Assim, neste mundo fluído, busca-se construir a identidade vivenciando a experiência do pertencimento, muitas vezes fragilizada pela ilusão das comunidades virtuais. Acrescenta-se a esta percepção outro pensamento de Bauman: “Num mundo fluido, em constante mudança, a ideia de eternidade, duração perpétua ou valor permanente, imune ao fluxo do tempo, não tem fundamento na experiência humana” (BAUMAN, 2005, p. 79). Sendo assim, as questões da identidade e de pertencimento apresentam-se como um processo que coloca em evidência as transformações do comportamento humano frente à dinâmica social e cultural na realidade do mundo globalizado. Sob esse aspecto, Bauman (2005, p. 17) é enfático:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Os valores se tornam mais líquidos exigindo a renovação dos parâmetros até então utilizados. Trata-se, portanto, de conduzir o indivíduo ao encontro de si mesmo dentro de uma sociedade de desigualdades delineadas a partir de uma crise social que, segundo o sociólogo, afetou, dentre outras coisas, as estruturas estatais, as condições de trabalho e as relações entre o eu e o outro. Diante das disparidades sociais, culturais e econômicas, oriundas do abandono de governos e governantes, torna-se necessário, neste mundo fluído, o indivíduo assumir uma postura de reflexão adaptada à dinâmica do transitório, que lhe garanta ter contribuído construtivamente aos espaços a que pertence.

Acredita-se, assim, a partir de Bauman, na necessidade de um diálogo que não pode ficar calado atrás das portas da individualidade, da inconstância, de um eu que talvez tenha a postura de afastamento das questões que estão ocorrendo nos espaços sociais, culturais e políticos de nosso país, justificada pelo pertencimento inconsistente e por uma identidade fugaz. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi* proporciona uma constante reflexão e inquietação a respeito do próprio ser com uma – ou não mais apenas uma –

identidade, que se adapta ou é negado dentro deste mundo globalizado. Em suma, a identidade deixa de ser algo que se tem, baseada e construída a partir de valores internos, e passa a ser algo que precisa ser mostrado, exibido, em condições de incertezas constantes, provocadas pelo advento da modernidade líquida.

Ao pensar estas questões no campo da educação, ao qual os resenhistas se inserem por suas atividades profissionais, percebe-se o desafio da inclusão do corpo discente na contracorrente ao pensamento polarizado e segregador do novo ambiente globalizado, priorizando uma educação libertadora, sólida e humanizada, na qual o aluno possa assumir uma identidade que o defina, que lhe mostre um propósito, que ele saiba quem ele é, onde ele quer chegar e qual o é/será o seu papel na sociedade. A escola pode ajudar na construção de uma identidade que *seja*, que perdure com as experiências vividas, não uma que precise ser *demonstrada* ou *aprovada* por grupos aos quais o aluno se sente impelido a pertencer.

Identidade possui 110 páginas e foi lançado pela Editora Zahar, assim como a quase totalidade das obras de Bauman publicadas no Brasil. O livro é bastante difundido e facilmente encontrado em livrarias, podendo também ser adquirido na forma de e-book, no site da editora. A obra é muito bem escrita e possui argumentos de grande profundidade – frutos da forma não convencional com que a entrevista foi concedida, o que gera ainda mais valor ao livro, no que tange à riqueza de discussões: por e-mail, sem a pressão do tempo, permitindo longas pausas para reflexões e a construção de esclarecimentos, Bauman acha as palavras certas para ajudar a situar o leitor na problemática da construção da identidade na modernidade líquida.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.